

A revisão de texto: abordagem da psicologia cognitiva

Laurent Heurley*

Resumo

Durante os últimos 25 anos, muitos estudos têm sido feitos sobre a revisão de texto em psicologia cognitiva. No entanto, a revisão é ainda um conceito mal definido, que adquire muitas vezes um sentido muito diferente de um pesquisador a outro. Este artigo visa esclarecer o que entendemos por revisão de texto, revendo as principais definições disponíveis em psicologia cognitiva, os métodos que são usados para analisar a revisão de texto e os diferentes subprocessos do processo de revisão identificados pelos pesquisadores.

Palavras-chave: Psicologia cognitiva; Revisão de texto; Monitoramento; Modelos.

A revisão de texto constitui um domínio de pesquisa genuíno, em psicologia cognitiva, há 25 anos, isto é, desde a publicação do modelo muito midiático de Hayes e Flower (1980), no qual o processo de escritura (*writing process*) de textos pelos redatores competentes é descrito como sendo constituído de quatro macroprocessos: Planejamento (*Planning*), Tradução (*Translating*) muitas vezes traduzido por (Produção de Texto), Revisão (*Reviewing*) e Controle (*Monitoring*).¹ Conferindo à revisão o estatuto de subprocesso do processo de escritura, esse modelo desencadeou toda uma série de pesquisas sobre a revisão. Durante todo esse período, inúmeros dados empíricos foram recolhidos, analisados e interpretados, métodos de estudo foram elaborados, modelos da revisão foram propostos, enfim, foram feitos muitos progressos. No entanto, há um ponto sobre o qual esse período parece não ter permitido chegar a um progresso real: o da própria definição do que significa a palavra “revisão”. Em um artigo de síntese recente, Roussey e Piolat (2005) escrevem: “Atualmente esse processo é preferencialmente concebido como...” (p. 352), o que sugere que a concepção da revisão apresentada por eles não é adotada por todos os

* Universidade de Picardie Jules Verne – UPJV.

1 – Para maior clareza, os termos extraídos das publicações em língua inglesa serão indicados em inglês e em itálico.

pesquisadores. A questão “O que significa revisar um texto?” nem sempre, pois, está regulamentada. Como veremos, quando esse conceito é definido, o que nem sempre é o caso, ele adquire muitas vezes um sentido muito diferente de um pesquisador a outro. O presente artigo não tem a pretensão de resolver tal problema; propõe-se, no máximo, a esclarecer esse conceito.

Começaremos por apresentar, resumidamente, as grandes características do processo de redação tal como é conceituado em psicologia cognitiva, a fim de ressituar a revisão em seu contexto, sendo considerada seja como um subprocesso do processo de redação, da mesma maneira que o planejamento ou a produção de texto, seja como um conjunto de procedimentos implicados no controle desse processo. (ROUSSEY; PIOLAT, 2005). Em seguida, apresentaremos as principais concepções e definições da revisão, os métodos utilizados para estudá-la, e terminaremos apresentando os subprocessos implicados na revisão.

O processo de redação

A redação de um texto é geralmente concebida como um processo social, estratégico, dirigido por objetivos, submetido a múltiplas diretrizes, exigindo recursos cognitivos e atencionais que se assemelham a um processo de resolução de problema, que pode ser decomposto em subprocessos, interagindo, segundo uma certa dinâmica. (HEURLEY; GANIER, 2002).

Antes do surgimento do modelo de Hayes e Flower (1980), duas abordagens prevaleciam. A mais antiga correspondia a uma visão prescritiva especialmente representada no domínio da pedagogia. Ela considerava o processo de redação de texto como uma série de etapas sucessivas organizada linearmente: pré-escritura – escritura – reescritura. (MATSUHASHI, 1987). Essa representação é geralmente qualificada de “modelo clássico linear em etapas do processo de redação (*traditional linear-stage modelo of composing*). (WITTE, 1985, p. 257). Essa abordagem está presente em Murray (1978), por exemplo, que considera que o processo de descoberta, que intervém durante a escritura, comporta três etapas (*stages*): Previsão – Visão – Revisão. Para esse autor, a revisão é o que acontece depois da fase de produção da primeira versão de um texto. A segunda abordagem, extraída da psicologia cognitiva, concebia essencialmente a produção de texto como um processo de tradução ou de formulação, assegurando a passagem de uma representação conceitual (a mensagem a comunicar) a uma representação textual. Nos modelos representativos dessa segunda abordagem, a revisão estava

ausente e somente os subprocessos que eram postulados correspondiam, por um lado, à “geração-planejamento” da mensagem, e, por outro, à “tradução” da mensagem conceitual em texto. (FREDEREKSEN, 1977; FLOWER; HAYES, 1977; KINTSCH VAN DIJK, 1978).

A publicação do modelo de Hayes e Flower (1980) atribuiu à revisão o estatuto de subprocesso do processo de redação genuíno. Essa concepção, que conheceu seu apogeu com a publicação do modelo de revisão de Hayes, Flower, Schriver, Stratman e Carey (1987), prevaleceu até a publicação, há uma década, do modelo reatualizado de Hayes e Flower (HAYES, 1996) e do modelo de Kellogg (1996).

No modelo de Hayes (1996), o subprocesso de Revisão (*Revision*) é substituído pela Interpretação do Texto (*Text Interpretation*) enquanto no modelo de Kellogg (1996) a palavra “revisão” não aparece mais nem como atividade nem como subprocesso; em substituição, esse modelo postula um subprocesso de Controle (*Monitoring*) desmembrado em dois subprocessos: Leitura (*Reading*) e Edição (*Editing*).

As diferentes concepções e definições da revisão

Definir o que os pesquisadores entendem por “revisão” não é tarefa fácil, porque esse conceito difere de um pesquisador a outro, de um modelo a outro, entre duas publicações de um mesmo pesquisador, até mesmo no interior de um mesmo artigo, como testemunha este extrato do artigo de Hayes *et al.* (1987):

Em razão do uso comum, utilizamos *revising* para fazer referência ao conjunto do processo pelo qual o revisor tenta melhorar um texto. Neste nível da explicação, entretanto, queremos utilizar esse termo em um sentido mais restrito, como a estratégia pela qual o redator tenta resolver o problema textual preservando ao máximo o texto original. (p.188 – tradução nossa).

É preciso acrescentar a essas dificuldades aquelas que estão associadas à própria tradução da palavra “revisão” do inglês para o francês. Em inglês, três termos são utilizados: “*revision*”, “*revising*” e “*reviewing*”. Enquanto a palavra *revision* é empregada geralmente para fazer referência ao processo que consiste em reexaminar de maneira sistemática um texto com o objetivo de melhorá-lo (cf. sobretudo HAYES *et al.*, 1987), *revising* designa o retorno ao texto acompanhado de modificações ou correções, e *reviewing* o retorno ao (PIOLAT, 1997) ou o reexame de um texto ou de uma passagem, podendo ou não resultar em modificações deste último. (FLOWER; HAYES, 1981 *apud*

HAYES *et al.*, 1987).²

Um exame da literatura em psicologia faz surgir três concepções da revisão.

A revisão como modificação efetiva levada a um texto

Para alguns pesquisadores, a revisão designa uma atividade de retorno ao texto, terminando em uma modificação efetiva deste último. Essa concepção é particularmente nítida em Scardamalia e Bereiter (1983), quando escrevem que seu modelo CDO (ver descrição abaixo) descreve processos que intervêm na atividade de revisão, mas que eles recusam qualificar de modelo de revisão, porque, segundo eles, a palavra “revisão” faz referência a alguma coisa que se produz no texto”, enquanto seu modelo traz um processo cognitivo que pode “não resultar em uma modificação do texto” (tradução nossa, p. 71). Essa concepção é ainda mais acentuada em Monahan (1984) e Matsushashi (1987), que utilizam a palavra “revisão” no plural para fazer referência às modificações efetivas levadas a um texto. Matsushashi (1987) propõe, aliás, uma definição comportamental (operacional) da revisão, que vai nesse sentido: “Uma revisão é um episódio ao longo do qual o escrevente interrompe o movimento de progressão de sua caneta para frente e efetua uma modificação no texto previamente escrito.” (p. 208 – tradução nossa).

Com toda evidência, para esses autores, a palavra “revisão” é utilizada para designar a introdução de uma modificação em um texto já escrito.

A revisão como subprocesso ou componente do processo de escritura visando melhorar o texto já escrito

Para Hayes e Flower (1980, 1986) e Hayes *et al.* (1987), a revisão pode ser definida como um subprocesso do processo de redação que visa produzir uma melhora no texto. Para Hayes e Flower (1980, 1986), a revisão consiste em um exame sistemático do texto, que acontece tipicamente (mas não somente) depois de um episódio de produção de texto ou “tradução”, que se desenrola em um período geralmente bastante longo, e que intervém de maneira recursiva ao longo do processo de produção (sem, entretanto, interromper o subprocesso em curso). Dessa maneira, ela deve ser distinguida do processo de Edição que, devido ao seu caráter automático, é suscetível de interromper qualquer outro processo em curso. A revisão depende do nível de expertise do sujeito, do objetivo perseguido e das estratégias deste último. Como já escrevemos acima, Hayes *et al.* (1987) adotam essa definição em seu artigo, mas utilizam também a palavra “*revising*” de 2 – Segundo Witte (1985), o fato de “*revising*” estar associado à ideia de modificação do texto levou a defini-lo como uma atividade de retranscrição. (*Retranscription*, p. 278).

maneira mais restrita, para designar a estratégia adotada por um redator que tenta resolver um problema que detectou em um texto, esforçando-se em preservar ao máximo o texto original. Essa distinção visa diferenciar a revisão da reescritura pura e simples de um texto.

Para Piolat (1997), é necessário distinguir a Revisão (*Revision*) do Retorno ao Texto (*Reviewing*). O retorno ao texto é um comportamento do processo de revisão que implica sobretudo em uma releitura de certas partes do texto já escrito. Em contrapartida, a revisão significa:

efetuar não importa qual mudança, em não importa qual momento do processo de escritura. Trata-se de um processo cognitivo de resolução de problema no sentido em que ele implica a) em detectar ausências de correspondência entre os textos desejados e os textos efetivos; b) em decisões concernindo à maneira de operar as modificações desejadas; e c) no processo que realiza essas modificações. (PIOLAT, p. 189 – tradução nossa).

Mais recentemente, Chesnet e Alamargot (2005) definem a Revisão da mesma maneira que o Planejamento ou que a Formulação, como um componente redacional. Segundo eles, “Revisar consiste em avaliar seus escritos, a todo momento da escritura, várias vezes, com o objetivo de melhorá-los corrigindo-os eventualmente se são detectados problemas.” (p. 499).

A revisão é, pois, concebida, antes de tudo, como um subprocesso do processo de redação, que pode resultar ou não em modificações efetivas do texto já escrito.

A revisão como componente do controle da produção escrita

Para Hayes (1996), a revisão não deve mais ser considerada como um processo de base do processo de escritura, mas sobretudo como um processo composto, constituído de vários subprocessos e de uma estrutura de controle guiada por um objetivo – melhorar o texto – que determina em que momento esses subprocessos devem ser postos em ação e em que ordem.

De maneira semelhante, Roussey e Piolat (2005) consideram que:

a revisão é, com o planejamento, um dos componentes do controle da produção escrita. Ela pode, segundo as formas resultantes da interação dos dois processos, desempenhar diferentes papéis (verificação ou programação) e atuar em diferentes níveis (revisão reativa do texto produzido ou proativa da atuação dos processos). (p. 358).

Ela é definida por esses autores como um processo que assegura várias funções, dentre as quais a verificação e o melhoramento do produto acabado, a supervisão

dos outros processos (planejamento dos objetivos, programação dos tratamentos etc.) e a substituição de certos processos enfraquecidos (porque poderia revelar uma falta de planejamento ou de antecipação).

Os métodos de estudo da revisão

A revisão é geralmente estudada com a ajuda de quatro métodos que podem ser utilizados isolados ou conjuntamente: o estudo dos produtos, a análise cronométrica da atividade do redator, o método dos protocolos verbais e o das tarefas acrescentadas (dupla ou tríplice tarefa).

O estudo dos produtos

O estudo dos produtos consiste em descrever precisamente o conjunto das modificações trazidas por um redator a uma versão anterior de um texto (que tenha sido redigido por ele ou por um outro). As correções efetuadas são categorizadas com a ajuda de tipologias que permitem, sobretudo, definir o nível linguístico afetado pela correção (letra, palavra etc.) e o tipo de correção (acréscimo, supressão, substituição etc.). Repousando no princípio segundo o qual um texto escrito constitui o vestígio dos processos redacionais que permitiram redigi-lo, o estudo dos produtos permite abrir uma “janela” sobre os processos cognitivos que, em contracorrente, foram mobilizados para chegar ao texto analisado. Ele permite igualmente avaliar a eficácia da revisão.

A análise cronométrica

A análise cronométrica da atividade de revisão repousa no princípio segundo o qual todo processo se desenrola no tempo. Ela consiste em situar fisicamente e temporalmente os indícios comportamentais recolhidos (atividade gráfica, pausas etc.) de maneira a descrever a dinâmica do processo de revisão. Ela permite, por exemplo, determinar em que momento e em que lugar no texto inicia-se um episódio de revisão, resultando em modificações, em que lugar são realizadas as modificações, assim como a duração do episódio, das pausas e da redação das modificações etc. (Figura 1).

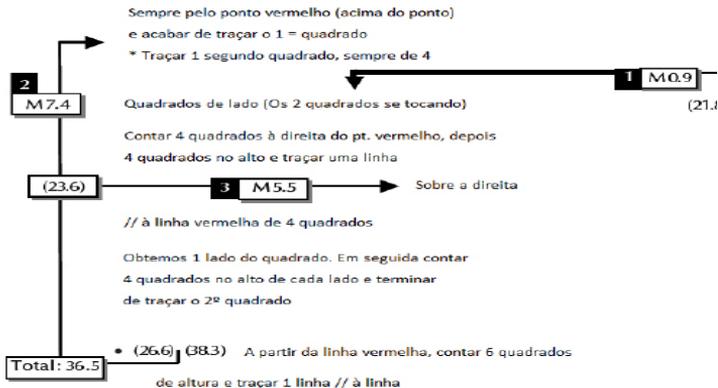


Figura 1: Exemplo de dinâmica de um processo de revisão posto em evidência quando da exploração de gravações vídeos. O ponto de partida de uma flecha indica o lugar do começo de um episódio de revisão, e o ponto de chegada o lugar de modificação do texto. Os algarismos em branco sobre fundo negro indicam a ordem de realização das modificações. Os algarismos em negro sobre fundo branco (em segundos) exprimem a duração das pausas superiores a 1 segundo (entre parênteses), a duração de realização das modificações (M) e a duração total de um episódio de revisão (Total).

Inicialmente, a utilização desse método consistia em filmar a atividade grafomotora de um redator em ação, depois analisar imagem por imagem o conjunto da gravação. (HEURLEY, 1994). Depois, a utilização de tabletes gráficos permitiu recolher automaticamente os dados cronométricos em um computador. Paralelamente, a democratização da utilização do tratamento de texto tornou possível (ecológico) o estudo da redação de textos apreendidos diretamente no computador, e a análise cronométrica da atividade de revisão com a ajuda de *softwares* concebidos para isso. Enfim, recentemente, a técnica de gravação da atividade ocular, inicialmente utilizada no quadro de estudos sobre a leitura, foi acoplado a um tablete gráfico para seguir simultaneamente a atividade grafomotora e as atividades oculares (fixações e sofreadas) de um redator-revisor em ação. (CHESNET; ALAMARGOT, 2005).

Método dos protocolos verbais

O método dos protocolos verbais (*thing-aloud protocole*) é um método emprestado ao domínio de estudo da resolução de problemas. Seu princípio consiste em pedir a um redator para verbalizar em voz alta tudo o que pensa durante (protocolos verbais concomitantes ou concorrentes) ou depois (protocolos verbais retrospectivos ou adiados) da revisão de um texto. O objetivo é capturar os conteúdos de sua memória de trabalho e identificar os processos mentais de alto nível implicados na revisão. Os dados assim recolhidos são transcritos, depois analisados como dados principais ou em complemento de análise dos produtos ou da análise temporal da atividade de revisão. Esse método, cuja utilização é contestada por alguns, em razão do alto risco de interferência que introduz no processo de revisão (a produção de verbalizações concomitantes, constituindo uma atividade de produção verbal genuína), contribuiu, sobretudo, para permitir identificar os principais subprocessos, as estratégias e os subobjetivos implicados em uma atividade de revisão. Por exemplo, Hayes *et al.* (1987) concluem, a partir do estudo de tais protocolos, que o diagnóstico de um problema detectado por ocasião de uma atividade de revisão é uma estratégia opcional essencialmente

disponível junto aos redatores experts, e que tal subprocesso não deve ser apresentado em um modelo do processo de revisão como a etapa obrigatória entre a detecção de um problema e sua correção.

As técnicas de dupla e tríplice tarefa

A técnica de dupla tarefa consiste em pedir a um redator para realizar duas tarefas ao mesmo tempo. A que é apresentada ao redator como prioritária é chamada “tarefa principal”; a outra, não prioritária, é chamada “tarefa secundária”. Geralmente a tarefa de redação é apresentada como prioritária, enquanto a outra tarefa, por exemplo, apertar o mais rapidamente possível um botão, quando da audição de um sinal sonoro, é apresentada como secundária. Essa técnica, inicialmente utilizada para estudar a memória do trabalho, visa medir o esforço cognitivo feito pelo redator para cumprir o processo em curso. Quanto mais o processo em curso (por exemplo, reler uma passagem para detectar erros) mobiliza recursos atencionais e cognitivos do redator, mais as *performances* relativas à tarefa secundária se degradam. A degradação das *performances* da tarefa secundária é, pois, utilizada como um indicador do esforço feito pelo redator, em um dado instante do processo de revisão. Uma variante, a técnica da tríplice tarefa, consiste em pedir ao redator para realizar três tarefas ao mesmo tempo (PIOLAT; KELLOGG; FARIOLE, 2001): redigir-revisar um texto (tarefa principal), reagir a um sinal sonoro (tarefa secundária nº 1) e indicar a natureza da atividade cognitiva em curso, com a ajuda de um sistema de respostas previamente estabelecido (tarefa secundária nº 2).

A utilização conjunta ou isolada dessas quatro técnicas permitiu identificar e modelar as atividades cognitivas e os subprocessos implicados na revisão de um texto. Os principais modelos da revisão são apresentados no que se segue.

Os subprocessos do processo de revisão

Os quatro modelos descritos a seguir podem ser considerados os mais importantes e os mais representativos da psicologia cognitiva.

O modelo de Hayes e Flower (1980)

O modelo de Hayes e Flower (1980), embora não seja o primeiro modelo a ter descrito o processo de revisão, é considerado o verdadeiro ponto de partida de todos os modelos que foram propostos em seguida. (A Figura 2 apresenta a parte do modelo consagrada à revisão).

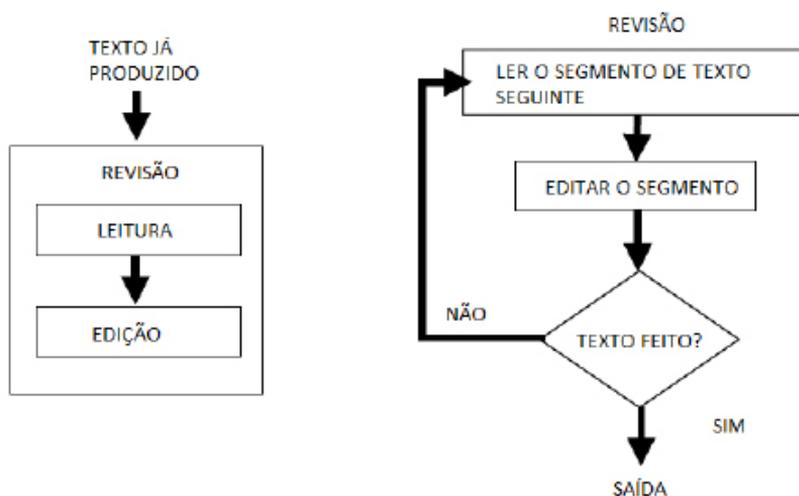


Figura 2: Representação do processo de revisão de texto (figura da esquerda) e da dinâmica de seus subprocessos (figura da direita) no modelo de Hayes e Flower (1980).

No modelo de Hayes e Flower (1980), a revisão, ou mais precisamente, o Reexame do texto (*Reviewing*), é considerada um subprocesso decomposto em dois processos: Leitura (*Reading*) e Edição (*Editing*). O subprocesso de edição é destinado ao exame sistemático e automático de tudo o que o redator põe em texto. Ele se comporta como uma espécie de detector-corretor de diferentes tipos de problemas (violação das convenções de escritura, inadequação de sentido, inadequações em relação aos objetivos perseguidos pelo redator etc.). Ele é formalizado como uma regra de produção (*production rule*) constituída de duas partes: uma Condição e uma Ação. A condição especifica o tipo de discurso (logo, o limiar de tolerância às violações da língua) e comporta um sistema de detecção do que pode ser considerado um erro para o tipo de discurso considerado. Por exemplo, o esquecimento de uma maiúscula será julgado aceitável para notas pessoais, mas a corrigir imperativamente para uma carta de contrato. Neste segundo caso, a regra de produção pode ser assim representada:

CONDIÇÃO	(carta de contrato) (letra minúscula no início da frase)
AÇÃO	(substituir a letra minúscula pela equivalente maiúscula)

Desde que as condições de detecção de um erro são preenchidas (isto é, desde que um erro é detectado), a regra é automaticamente acionada e uma ação, mais ou menos complexa, se executa para corrigi-lo. Esse processo, sendo automático, pode interromper qualquer outro processo (planejamento ou produção de texto) em curso. Hayes e Flower (1980) insistem no fato de que o subprocesso de edição deve ser distinguido do processo de revisão que designa, quanto a ele, uma atividade de exame sistemático e de melhoramento do texto ou de uma parte do texto já escrito, que intervem geralmente após um episódio de tradução (produção de texto).

O modelo CDO de Scardamalia e Bereiter (1983)

O modelo publicado por Scardamalia e Bereiter (1983) descreve os componentes e a organização de um subprocesso de produção escrita que, segundo eles, está frequentemente implicado na revisão de um texto: o processo CDO (*Compare, Diagnose, Operate*, Figura 3).³ Segundo esse modelo, o subprocesso CDO é comparável a um anel de retroação que se aciona quando uma incompatibilidade é detectada entre duas representações mentais estocadas na memória de longo prazo: a representação do texto já escrito e a representação do texto esperado.

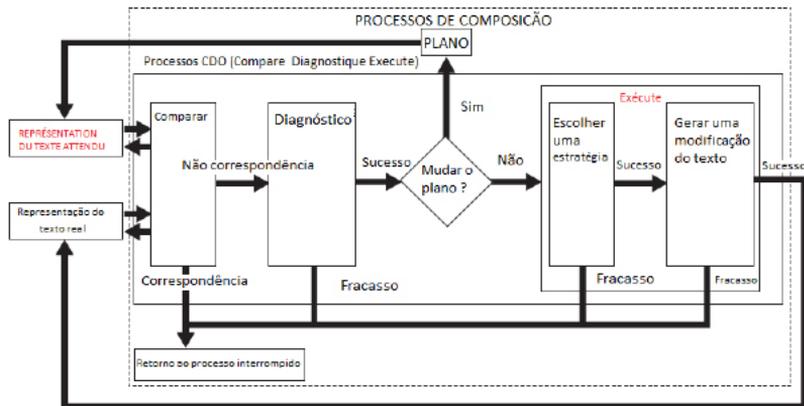


Figura 3: Modelo do processo Compare Diagnose Operate de Scardamalia e Bereiter (1983 – tradução nossa).

Essa operação pode intervir a todo momento durante o processo de redação e pode interromper os outros subprocessos em curso. Neste caso, o fim do processo CDO resulta em um retorno à atividade interrompida. Esse processo inicia-se,

3 – Scardamalia e Bereiter (1983) não consideram seu modelo como um modelo do processo de revisão por duas razões. A primeira é que esse modelo descreve um processo cognitivo, ao passo que, segundo eles, para que haja revisão é necessário que se produza uma modificação efetiva de uma parte do texto já escrito. A segunda é que esse processo pode operar independentemente de uma atividade de retorno ao texto, por exemplo, durante o planejamento e a produção de texto.

pois, por um processo de comparação de duas representações (*Compare*) que resulta na detecção (ou não) de uma ausência de correspondência (*Mismatch*) entre o que já está escrito e o que deveria ser. Em caso de detecção, a atenção do redator se desloca e inicia o segundo subprocesso postulado pelo modelo, o processo de Diagnóstico (*Diagnose*), cuja função postulada é determinar a causa dessa ausência de correspondência. A intervenção desse segundo subprocesso pode chegar a vários resultados. Em caso de fracasso, nenhuma decisão de modificação do texto é tomada, e o processo CDO interrompe-se. Em caso de êxito (isto é, identificação de uma causa), três decisões possíveis podem ser tomadas pelo redator: a decisão de modificar o texto (a mais frequente); a decisão de modificar sua intenção inicial mais que o texto já escrito (o que implica na saída do processo CDO); ou a decisão de modificar os dois. Quando esse processo resulta em uma decisão de modificação do texto já escrito, o terceiro subprocesso postulado pelo modelo, o processo de Execução de uma Modificação (*Operate*) é ativado. Este último subprocesso é ele mesmo decomponível em dois subprocessos. O primeiro corresponde a um subprocesso de Seleção de Estratégia (*Choose Tactic*), que pode “decidir” seja nada modificar, seja revisar o texto, isto é, operar diferentes tipos de mudanças: modificações lexicais, acréscimos, supressões. Neste último caso, somente, para Scardamalia e Bereiter (1983), revisões serão levadas ao texto já escrito sucedendo à intervenção do segundo subprocesso: processo de Geração de Modificações (*Generate Change*). Quando uma modificação é assim levada ao texto, isso acarreta uma modificação da representação do texto já escrito e novamente o acionamento do processo CDO, até a resolução da incompatibilidade com a representação do texto esperado ou o fracasso desse processo.

O modelo de Hayes, Flower, Schriver, Stratman e Carey (1987)

O modelo de Hayes *et al.* (1987), contrariamente ao modelo de Scardamalia e Bereiter (1983), é um modelo especificamente concebido para descrever o processo de revisão no quadro da produção escrita (Figura 4).

A parte direita do esquema apresenta os conhecimentos que intervêm no processo de revisão (no sentido amplo: *Revision Process*), enquanto a parte esquerda descreve os processos operados pelo redator. O processo de revisão propriamente dito é subordinado a um primeiro processo, a Definição da Tarefa (*Task Definition*), que determina a maneira pela qual o redator se representa a tarefa de revisão. Esse processo produz uma representação, depois conserva-a na memória de longo prazo. Essa representação comporta conhecimentos metacognitivos e preenche um papel de regulamentação, pois que ela define o objetivo da revisão, o nível (global ou local) no

qual ela presumidamente atua, assim como a estratégia global a adotar para revisar o texto. A definição da tarefa pode ser modificada ou não durante o desenrolar do processo de revisão. Pelo fato de estar situado a contracorrente de todos os outros, este primeiro subprocesso desempenha um papel crucial, pois que condiciona de algum modo as prioridades (isto é, os subobjetivos) do redator.

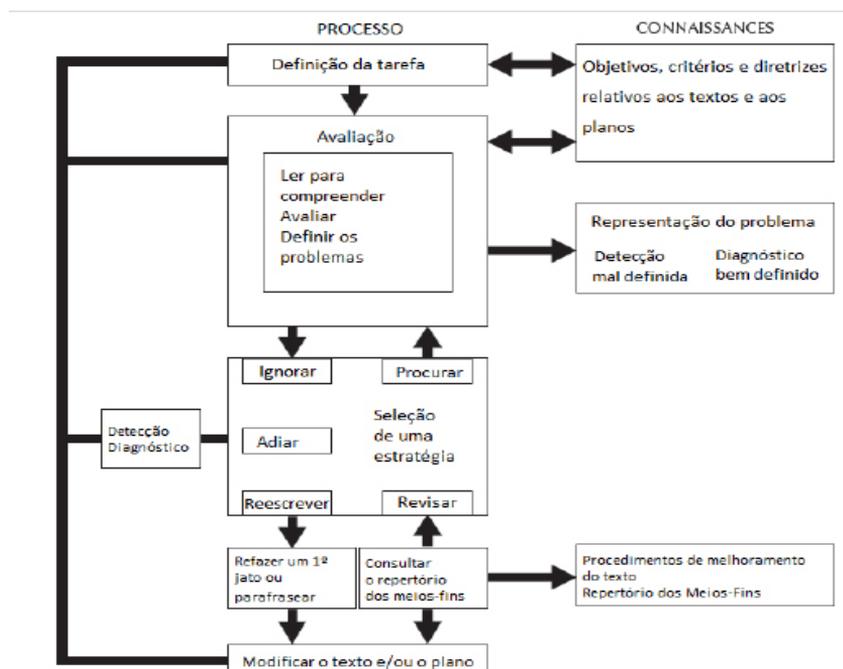


Figura 4: Modelo do processo de revisão de Hayes, Flower, Schriver, Stratman e Carey. (1987 – tradução nossa).

O segundo processo, o processo de Avaliação (*Evaluation Process*) opera a partir da representação que o redator se faz da tarefa e pode ser concebido como um tipo particular de processo de Leitura-Compreensão, cuja função não é verdadeiramente compreender, quer dizer, construir uma representação do que o texto significa, mas avaliar o texto e detectar os problemas que ele contém. Os problemas em questão podendo ser extremamente diversificados (erros de lógica, problema de organização, tom inadequado etc.) e de diferentes níveis de tratamento (identificar as palavras, elaborar inferência, aplicar as regras de gramática etc.) estão supostos ao longo do processo. O processo de avaliação pode se aplicar sobre o texto de um outro autor, sobre seu próprio texto ou sobre os planos do texto. Ele é composto de três outros subprocessos: um processo de Representação

do Problema (*Problem Representation*), um processo de Detecção (*Detection*) e um processo de Diagnóstico (*Diagnosis*). A solução do processo de avaliação é uma representação de um problema que pode ser bem ou mal definido. O processo de revisão propriamente dito (isto é, a modificação do texto já escrito, cf. adiante) não pode acontecer enquanto nenhum problema for detectado. Em contrapartida, não é necessário que a causa do problema tenha sido identificada para que a revisão seja posta em ação. Com efeito, a avaliação pode resultar na detecção de um problema sem que o sujeito consiga nomeá-lo ou diagnosticá-lo (isso constitui uma diferença importante do modelo de Sacardamalia & Bereiter, 1983).

Uma vez que um problema tenha sido detectado, e sempre em função da maneira pela qual o redator se apresenta a tarefa de revisão, um processo de Seleção de Estratégia (*Strategy Selection*) leva o redator a adotar uma estratégia face ao problema encontrado. Esse processo é, pois, assimilável a um processo de resolução de problema. Essa estratégia pode não modificar o texto imediatamente (ignorar o problema, adia-lo, procurar informações suplementares, definir um novo objetivo) ou modificar o texto. Quando a decisão de modificar o texto é tomada, o redator tem duas opções possíveis: Reescrever (*Rewrite*) completamente o texto, ou Revisá-lo (*Revise*). O processo de Reescritura faz referência à decisão do redator de preservar a significação e abandonar a totalidade da estrutura de superfície de uma passagem ou de um texto, para iniciar um novo processo de produção de texto. A reescritura do texto pode ser realizada de duas maneiras diferentes, seja produzindo uma nova versão (*Redrafting*), seja parafraseando a antiga (*Paraphrasing*). O subprocesso de revisão (no sentido restrito) designa, quanto a ele, a realização de uma estratégia que visa suprimir os problemas de todo ou parte do texto, conservando o máximo do texto inicial. Mais precisamente, esse processo faz referência aqui “aos processos de decisão de utilização da informação extraída do diagnóstico, para suprimir o problema” (HAYES *et al.*, p. 221, 1987). Segundo eles, a informação de entrada do subprocesso de revisão é fornecida pelo subprocesso de Diagnóstico. Operando a partir da representação do problema diagnosticado, o subprocesso de revisão procede à recuperação na memória de longo prazo da solução (*Mean*) correspondendo ao problema a resolver (*End*) em um repertório de duplos Problema-Solução (*Means-end Table*). Por exemplo, se um problema é detectado e o diagnóstico é “esta passagem é redundante”, isso aciona automaticamente a ativação na memória de longo prazo da solução “suprimir elementos”.

O modelo de revisão de Hayes (1996)

O modelo de Hayes (1996, Figura 5) constitui uma tentativa de melhoramento e de clarificação dos modelos iniciais de Hayes e Flower (1980) e de Hayes *et al.* (1987). Nesse modelo, os três subprocessos do processo de redação, que estavam representados nos modelos anteriores, a saber, o Planejamento, a Tradução e a

Revisão, são substituídos respectivamente pelos processos de Reflexão (*Reflection*), de Produção de Texto (*Text Production*) e de Interpretação do Texto (*Text Interpretation*). Neste novo modelo, o subprocesso de Revisão do modelo anterior é, pois, substituído pelo subprocesso de Interpretação do Texto. Segundo Hayes (1996), a função desse processo é criar representações internas a partir de informações de entradas linguísticas e gráficas. No novo modelo, a revisão não é mais considerada um subprocesso “composto” implicando os três subprocessos de base, que são a Interpretação do Texto, a Reflexão e a Produção de Texto, sendo o conjunto organizado e conduzido por uma Estrutura de Controle (*Control Structure*), determinando, ao mesmo tempo, quais subprocessos devem ser ativados e em qual ordem. Essa estrutura é conceituada como um Esquema de Tarefa (*Task Schema*), que se define como um conjunto de regras de produção, adquiridas com a experiência, que se ativam mutuamente quando indícios presentes no entorno ativam o esquema. Esses conhecimentos referem-se ao objetivo da revisão (melhorar o texto), ao conjunto das atividades a cumprir (leitura crítica, resolução de problema etc.), à determinação dos subobjetivos implicados na gestão da atenção, aos padrões e aos critérios de qualidade, assim como às estratégias de resolução de problemas específicos.

Aqui, o processo de Leitura é um processo central extremamente importante na revisão, mas não lhe é específico.

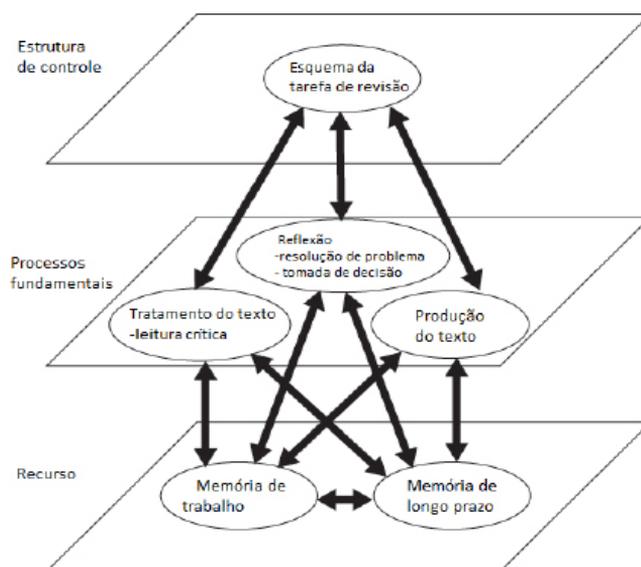


Figura 5: Modelo do processo de revisão de Hayes. (1996 – tradução nossa).

Nesse modelo, a revisão não é mais, pois, considerada um subprocesso de base do processo de redação de textos, mas muito mais um macroprocesso composto, e uma atividade de controle da produção escrita que mobiliza processos redacionais de base, assim como os recursos cognitivos e atencionais na memória de trabalho.

Conclusão

Este artigo mostra as hesitações dos pesquisadores a respeito da definição do conceito de “revisão”. Enquanto Fayol e Gombert escreviam, em 1987, “parece que um relativo consenso leva os pesquisadores a considerar que a revisão do texto pode se decompor em três etapas: detecção, identificação, modificação” (p. 88), é preciso constatar que, vinte anos mais tarde, os pesquisadores nem sempre se puseram de acordo com uma definição mínima da palavra “revisão”, ora utilizada para designar um subprocesso do processo de redação, ora um reexame sistemático ou um retorno pontual a uma parte de um texto, com ou sem modificação ao final, uma atividade controlada ou uma atividade automática etc., a palavra revisão é ambígua, a partir do momento em que aquele que a utiliza não determina a qual definição desse conceito ele se refere.

Duas explicações podem esclarecer essa ausência de definição unívoca. A primeira é que a revisão é doravante concebida mais como referência ao controle da produção escrita, do que a um subprocesso específico do processo de escritura. (ROUSSEY; PIOLAT, 2005). Quanto a isso, as recentes conceituações do processo de revisão de textos escritos parecem confluir, um pouco tardiamente, para o procedimento que sempre prevaleceu no estudo da produção oral. (FAYOL, 1997; LEVET, 1983). A outra razão é que os modelos mais recentes tentam considerar melhor a complexidade do processo de escritura, sobretudo seu caráter estratégico, dinâmico, contextual, probabilista e adaptável. Por exemplo, no modelo do processo de escritura de Rijlaarsdam e Vand Den Bergh (2006), a probabilidade de ocorrência e a função de uma atividade como a releitura de uma parte do texto já escrito não são fixas, mas são funções de mudanças que intervêm na situação de redação. Enquanto na maior parte dos modelos a releitura é geralmente associada ao processo de revisão, esses autores observam que, na realidade, a releitura pode ser associada ao subprocesso de geração de ideias. Esse fato leva-os a considerar que não somente os subprocessos são recursivos, mas ainda que podem mudar de estatuto e de função no seio de um mesmo episódio redacional.

Na falta de definição consensual, pode-se esperar dos pesquisadores que forneçam sobretudo definições operacionais do que chamam “revisão”, nas suas

publicações, à maneira de Matsuhashi (1987). Essa maneira de proceder pode parecer a alguns redutora demais; no entanto, na ausência de consenso, ela parece constituir uma garantia indispensável ao caráter científico dos estudos sobre a revisão em psicologia cognitiva.

Abstract

During the past 25 years many studies have been done on text revision in cognitive psychology. However, one must acknowledge that revision is still an ill-defined concept. Revision definitions are rarely expressed in operational terms and differ from one researcher to another. This paper aims at clarifying what we mean by text revision by reviewing the main definitions available in cognitive psychology, the methods that are used to analyse text revision and the different subprocesses of the revision process that researchers have identified.

Keywords: Cognitive psychology; Revision; Revising; Reviewing; Monitoring; Models; Text.

Referências

CHESNET D.; ALAMARGOT D. Analyse en temps réel des activités oculaires et graphomotrices du scripteur: intérêts du dispositif « eye and pen ». **L'Année Psychologique**, v. 105, p. 477-520, 2005.

FAYOL M. **Des idées au texte**: psychologie cognitive de la production verbale, orale et écrite. Paris: PUF, 1977.

FAYOL M.; GOMBERT J. E. Le retour de l'auteur sur son texte: Bilan provisoire des recherches psycholinguistiques. **Repères**, v. 73, p. 85-95, 1987.

FLOWER L.; HAYES J. R. Problem-solving strategies and the writing process. **College English**, v. 39, p. 449-461, 1977

FLOWER L.; HAYES J.R. The dynamics of composing: making plans and juggling constraints. In: L.W. Gregg; E.R. Steinberg (Ed.). **Cognitive processes in writing**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1981. p. 31-50.

FREDERIKSEN C. H. Structure and process in discourse production and comprehension. In: M. A. Just & P. A. Carpenter (Ed.), **Cognitive processes in comprehension**. New Jersey: LEA, 1977. p. 313-232.

HAYES J. R. A new framework for understanding cognition and affect in writing. In: C. Levy; S. Ransdell (Ed.), **The science of writing: theories, methods, individual differences and applications**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. p. 1-28.

HAYES J. R.; FLOWER L. S. Identifying the organization of writing processes. In: L. W. GREGG; E. R. STEINBERG (Ed.), **Cognitive processes in writing**. New Jersey: LEA, 1980. p. 3-30.

HAYES J. R.; FLOWER L. S. Writing research and the writer. **American Psychologist**, v. 41, p. 1106-1113, 1986.

HAYES J. R.; FLOWER L. S.; SCHRIVER K. A.; STRATMAN J.; CAREY L. Cognitive processes in revision. In: S. ROSENBERG (Ed.), **Advances in psycholinguistics: (v.II.) Reading, writing, and language processing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 176-240.

HEURLEY L. **Traitement de textes procéduraux: étude de psycholinguistique cognitive des processus de production et de compréhension chez des adultes non experts**. 1994. Thèse (doctorat non publiée) – Dijon.

HEURLEY L.; GANIER F. La production des textes techniques écrits. In: M. FAYOL, **Traité de sciences cognitives: la production du langage**. Paris: Hermès, 2002. p.227-247.

KELLOGG R. T. A model of working memory in writing. In: C. LEVY; S. RANSDELL (Ed.), **The science of writing: theories, methods, individual differences and applications**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. p. 57-71.

KINTSCH W.; VAN DIJK T.A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**, v. 85, p. 363-394, 1978.

LEVELT W. J. Monitoring and self-repair in speech. **Cognition**, v. 14, p. 41-104, 1983.

MATSUHASHI A. Revising the plan and altering the text. In: A. Matsuhashi (Ed.), **Writing in real time**. Norwood, New Jersey: Ablex, 1987. p. 197-223.

MONAHAN B. D. Revision strategies of basic and competent writers as they write for different audiences. **Research in the Teaching of English**, v. 18, p. 288-304, 1984.

MURRAY D. M. Internal revision: A process of discovery. In: C. R. COOPER; L. ODELL (Ed.), **Research on composing**. Urbana III: National Council of Teachers of English, 1978. p. 85-103.

PIOLAT A. Writer's assessment and evaluation of their texts. In: C. CLAPHAM & D. CORSON (Eds.), **Encyclopedia of language and education**, Vol. 7: Language testing and assessment. Kluwer Academic Publishers.1997. p. 189-198.

PIOLAT A.; KELLOGG R.T.; FARIOLI F. The triple task technique for studying writing processes on which task is attention focused? **Current Psychology Letters**, v. 4, p. 67-83. 2001.

RIJLAARSDAM G.; VAN DEN BERGH H. Writing process theory: A functional dynamic approach. In: C.A. MACARTHUR; S. GRAHAM; J. FITZGERALD (Ed.), **Handbook of writing research**. New York/London: The Guilford Press, 2006. p. 41-53.

ROUSSEY J. Y.; PIOLAT A. La révision du texte : une activité de contrôle et de réflexion. **Psychologie Française**, v. 50, p. 351-372, 2005.

SCARDAMALIA M.; BEREITER C. The development of evaluative, diagnostic and remedial capabilities in children's composing. In M. MARTLEW (Ed.), **The psychology of written language: A developmental approach**. London: Wiley, 1983. p. 67-95.

WITTE S.P. Revising, composing theory, and research design. In: S.W. FREEDMAN (Ed.), **The acquisition of written language**. Norwood: Ablex, 1985. p. 226-248.